

# Kadical Paulistano

CAPITAL

Trimestre . . . . .	38000
Semestre . . . . .	68000
Anno . . . . .	128000

ORGAM DO CLUB RADICAL PAULISTANO

S. PAULO, SEXTA-FEIRA 25 DE JUNHO DE 1869.

PROVINCIAS

Trimestre . . . . .	48000
Semestre . . . . .	78000
Anno . . . . .	138000

Publica-se, por ora, uma vez por semana e professa a doutrina liberal em toda a sua plenitude, propugnando principalmente pelas seguintes reformas:

Descentralização;  
Ensino livre;  
Polícia eleciva;  
Abolição da guarda nacional;  
Senado temporário e elecivo;

Extinção do poder moderador;  
Separação da judicatura da polícia;  
Suffragio directo e generalizado;  
Substituição do trabalho servil pelo trabalho livre;  
Presidentes de província eleitos pela mesma;

Suspensão e responsabilidade dos magistrados pelos tribunais superiores e poder legislativo;  
Magistratura independente, incompatível, e a escolha de seus membros fora da ação do governo;

Proibição aos representantes da nação de aceitarem nomeação para empregos públicos e igualmente títulos e condecorações;  
Os funcionários públicos, uma vez eleitos, deverão optar pelo emprego ou cargo de representação nacional.

ASSINA-SE NA TYPOGRAPHIA DO «CORREIO PAULISTANO» E NA RUA DA BOA VISTA N.º 29, AVULSO 300 R\$.

## RADICAL PAULISTANO

### A emancipação progride

Quando a seiva do espírito público entra a derramar-se no germen de uma reforma, é porque a Providência já a abençou.

Nas épocas de incubação política como a actual, em que a vontade popular vacila entre a antiguidade de um abuso arreigado nas instituições e a santidade de uma idéa venerável, ungida pelo prestígio da verdade eterna, cada receio que se destroie é uma promessa, cada conversão que se effectua uma vitória, cada ensaio que se tenta uma conquista.

Os princípios são invioláveis e imortais. Invioláveis, porque tem como asilo a consciência, e em quanto elles se ajuntam,gota a gota, no espírito dos homens para transformar-se na vaga enorme das revoluções, não ha lei que os reprima, nem inquisição que os alcance.

Immortais, porque encerram em si, contra a ação corrosiva dos preconceitos humanos, o carácter, a substancia e a energia de uma lei invariável, absoluta e universal.

O que, porém, determina principalmente a sua inegável supremacia perante as concepções do interesse e da força, nas grandes lutas sociais, o que deve desaninar sobretudo aos propagandeiros do passado, é o contagio irresistível de sua influencia, a virtude reproductora de seus resultados e a inalienabilidade maravilhosa de suas aquisições.

Em quanto a semente divina dorme no sulco, podeis lançar-lhe o sal da maldição, podeis plantar-lhe em derredor a parásita insaciável, podeis abafal-a com esfolhos, negar-lhe o ar e a luz, o orvalho do céu, e as carícias da estação, os recursos da arte e desvelos do lavrador.

E simplesmente um embuste, porque a reacção ha de ultrapassar os obstáculos, e a verdade germinará sempre, mas é um embuste proveitoso para os interessados.

Tem sua razão de ser.

Os pobres de espírito que não percebem o desenvolvimento subterrâneo da reforma, não acreditam sua existencia. E' uma veia abundante para os exploradores habeis.

Ai delles, porém, ai dos refractários, quando uma só vergonha atravessar esses empecilhos!

Neste caso a resistencia fecunda, a posição consolidada e o contraste fortifica. E' a hydra invencível da fabula.

E' a historia da emancipação da escravatura entre nós.

Outr' ora a escravidão pareceria fadada à perpetuidade neste paiz. Fallar em extingui-la seria uma blasphemia. Fizeram-na esporar a lavoura, cuidando unilas para sempre. A nação tinha edificado a sua fortuna sobre um crime, consagrando-o nos seus códigos como uma necessidade social.

Hoje o princípio emancipador diffundido pela civilisação, lavrou por toda a parte.

Na Europa e na America desapareceu a escravidão.

Só nós alimentamos no seio esta ignorância.

A pressão formidável das idéas cresce de dia para dia em volta de nós como um oceano, prenhe de tempestades.

No meio de tudo isto o que faz o governo? Nada; absolutamente nada!

A falla do trono de 1865 é uma vergonha indelevel. O Sr. D. Pedro II, que em 1867 e em 1868 havia proclamado solemnemente a urgencia da reforma abolicionista, que tinha celebrado compromissos públicos com o paiz e com a Europa, que alardeava de todo modo tendencias humanitárias, vem rasgar aos olhos do mundo o unico título meritorio com que nos aniquila.

até hoje podia ufanar-se o despotismo de sua autoridade, retractando com o silencio todas as suas promissões para enolver-se n'uma abstenção misteriosa e injustificável.

E ainda ha quem diga que a emancipação neste paiz não é questão de partidos!

Sim, não devia sel-o.

Mas a indole mesquinha de nossa política tem convertido esse reclamo da consciencia nacional, em arma de hostilidades.

Algum dia, quando a liberdade não for mais o priviléio dos brancos no Brasil, quando a posteridade examinar os nossos feitos com o facho da Historia na mão, a justiça dos vindouros ha de gravar na memoria do partido conservador o estigma da reprevação eterna, porque elle sacrificou aos interesses momentaneos do poder, o interesse immorredouro da verdade; aos cálculos estereis do egoísmo, as necessidades imperiosas do futuro, e a pequenez das considerações pessoais os direitos inalienaveis de uma raça escravizada.

Não protestéis! Se a emancipação em 1867 e em 1868 era tão urgente, que o imperador a mandava estudar pelo conselho d'estado, e a consignava nos discursos da coroa como a necessidade capital do paiz, invocando para ella a reflexão do parlamento, como é que de um anno para outro esta necessidade urgente e imediata, torna-se tão secundaria, tão indiferente, tão remota que nem se quer merece ser mencionada na falla do trono?

Felizmente, porém, ha um preceito e um facto de observação que nos animam.

O primeiro é que desde que a verdade chega a amadurecer com os acontecimentos, cada embaraço com que trabalhamos por contraria-l-a, é um accrescimento de força para a sua multiplicação.

O segundo é o imponente movimento do espírito nacional que vae-se formando lentamente no paiz.

A servidão em que temos vivido até hoje, a ausencia completa de animação política no paiz, tem-nos habituado a desdenhar esses factos que sob a modéstia de suas feições, occultam graves sistemas de regeneração publica.

Ao nobre exemplo das províncias do Piauhy, de Santa Catharina e Pernambuco, acaba de responder brilhantemente a província de S. Paulo decretando uma verba de vinte contos de réis para a recompensa de creanças captivas.

Honra lhe seja!

Bem haja a assembléa provincial, que neste ponto, soube entender a sua missão! Bem haja ella, que assim acaba de penhorar a gratidão de seus constituintes! Bem haja ella, porque assim amou a justiça e servio a causa da verdade!

Nós a saudamos, em nome de nossos pais cuja memoria clama em nossas almas pela redempção dessa iniquidade tremenda a que os arrastaram, em nome do paiz que reclama constantemente o desagravio dessa affronta, em nome do futuro que se encaminha para nós, e que será implacável se lhe deixarmos este legado de opprobrio, em nome das idéas radicais, em nome da felicidade de nossos filhos, em nome do evangelho que a grande constituição dos povos livres!

Nós a saudamos, em nome de Deus!... N'um paiz descentralizado este facto seria uma expansão natural das províncias, um acontecimento regular sem significação precisa, sem alcance político, sem resultados ulteriores.

Entre nós, porém, onde o governo constitue-se paiz, tutor, administrador da província, do município, do cidadão, este facto encerra um protesto expressivo contra essa minoridade perpetua que nos aniquila.

A centralização administrativa é o laço mais efficaz das nações pouco adiantadas, exclama o poder; o que falta ao povo deve salvar no governo? para manter o equilíbrio vital. Trabalhemos pela unidade administrativa: é a condição fundamental de nossa existencia.

Bem; mas onde estão os officios beneficos deste sistema? Nas finanças? Estamos exaustos. Na guerra? Não se pôde conceber direcção mais infeliz. No funcionalismo? E' o nosso maior flagello. Nas relações exteriores? Somos o ludibriado de todos os governos.

Que é da fecundidade tão preconizada com que legitimas a centralização?

Que reformas se promovem? que melhoramentos se estabelecem? que abusos se extirpan?

O que diz, o que faz o governo deante da grande revolução social que nos está iminentemente, a supressão do trabalho servil?

Emmudece.

O governo deserta a causa da emancipação! Elle que se inculca como o civilizador, o mestre, o magistrado do paiz, acaba de renegar a justiça, a verdade e a civilização!

E as províncias, eternas pupillas de seus administradores, é que hasteam a bandeira libertadora, a bella, a veneranda bandeira da consciencia e da honestidade nacional.

Diante desta escandalosa contradição que homem de bem, que alma patriótica será capaz de negar o influxo pernicioso da unidade administrativa?

Convençam-se todos de que só ha para o Brasil um meio de rehabilitação: é o sistema federativo, é a iniciativa provincial. As assembléas de Santa Catharina, Piauhy, Pernambuco e S. Paulo demonstram, com o seu procedimento, a exactidão deste acerto.

Governe cada um a si mesmo: é a norma dos estados representativos e dos Estados Unidos, da Inglaterra, da Bélgica, da Hollanda, da Suissa.

Ao lado, porém, desta reforma erga outra que esses mesmos acontecimentos proclamam com a eloquencia respeitável dos factos.

E' o interesse urgente da emancipação. O Brasil, segundo a expressão de Laboyne no congresso abolicionista de 1867, o Brasil está bloqueado pelo mundo.

O poder cruza os braços? Peior para elle; a torrente o destruirá.

A abolição da escravidão, quer o governo queira quer não queira, ha de ser efectuada n'um futuro proximo.

Tal é a realidade.

### Em vez de escola, tarimba

O pensamento de militarizar o paiz é o sonho dourado do sr. d. Pedro II.

Em todas as situações políticas nunca perdeu ensejo de deitar uma pedra de mais n'este magno baluarte, que tratam de erguer todas as monarchias em redor dos tronos.

Liberas e conservadores, salvas raras exceções, temem em todos os tempos mais ou menos accedido a este augusteo desejo.

E nem fez nisto nem um achado o nosso rei, por que é esse o caminho rotineiro que ha sempre levado os monarcas ambiciosos ao absolutismo.

E' o sonho que tão aperfeiçoadamente realizou o presidente Solano Lopez no Paraguai.

Ali, como se sabe—cada cidadão é um soldado, e ao pé de cada soldado está sempre um jesuíta. E' o sistema em sua plenitude: a cegueira da consciencia acrescentada à servidão da passiva obediencia militar. Duas cegueiras.

E ainda diz o sr. d. Pedro II, que o Paraguai não é feliz!

Quem quiser examinar de perto a marcha d'esta idéa ordeira entre nós, encontra-

trá importante manancial de provas na historia e no que está reduzida a nossa guarda nacional.

Suggirio-nos estas considerações, e verão que muito á propósito, a leitura do seguinte projecto de lei, formulado e aprovado pela nossa assembléa provincial:

«Disposições permanentes—Art. Fica criada uma companhia de menores annexa ao corpo policial; nella serão admittidos unicamente orphãos pobres de toda província, e tambem filhos do voluntarios da patria, de militares, de guardas nacionais e de soldados do corpo policial que tenham servido na presente guerra contra o Paraguai, até 60.

«Art. A companhia terá quartel distincto do corpo policial, e existirá sob diverso comando.

«Art. Os referidos menores serão sustentados, vestidos e tractados, quando estiverem, á custa da província; e receberão tambem instrucção primaria elementar, e ensino de officios mecanicos; e poderão ser empregados convenientemente no serviço policial.

«Art. O presidente da província fica autorizado para no regulamento que expedir para execução do disposto nos arts. supra, determinar a organização da companhia, marca, nome, etc., que os menores terão; o tempo que devem permanecer no corpo policial; e tambem para criar a escola de instrucção primaria e as officinas, estabelecendo provisoriamente os vencimentos dos professores e mestres; e igualmente ordenar todas as providencias convenientes para o bom exito da instituição.»

O facto em si não admira, maxime no regimem da desasombraada dictadura actual dos saquaremas; o que talvez ha de no futuro ser motivo de pasmo é o ter semelhante lei sahido de uma assembléa unanime de paulistas, e o que é mais—de paulistas liberaes.

E' um facto consumado, entretanto. E' uma das ultimas obras que lega o domirio liberal á terra de Feijó. Coragem, Paulistas!

O dia da regeneração ha de vir.

Mas, sejamos justos até o fim:

Ha uma attenuante em favor dos deputados liberaes de S. Paulo.

Aquella lei não foi lembrança d'elles: foi sollicitada, e até sollicitada instantaneamente, pelo sr. Pires da Motta.

### O Centro Liberal

Alguns srs. senadores, arvorando-se em chefes, proclamão-se o Centro do partido liberal e apresentão, em nome deste partido, um extenso manifesto, acabando com o grito «a reforma ou a revolução», e mais tarde dão á luz um programma complemento, no seudizer, do anterior manifesto, dando-lhe o pomposo titulo de «programma do Partido Liberal».

Em primeiro lugar esses srs. senadores, pelo facto de terem um assento na camara vitalicia, não possuem o direito de se intitularem chefes do partido liberal, como indica patentemente o nome que a si arrogaram de Centro, lugar em segundo não podiam confeccionar um programma para o partido a que dizem pertencer, sem que este lhes desse tais poderes.

O programma do partido liberal está na sua historia; as suas ideias e aspirações estão muito claras e definidas, apesar das mistificações dos homens, e das confusões em que elles têm procurado envolver a nossa politica.

O que pois os srs. senadores podiam e deviam fazer, era o que nós fizemos; isto é, procurar na historia politica do nosso paiz as ideias que o partido liberal tem sempre sustentado, e, reunindo-as em um programma, apresental-as á nação e aos seus correligionários, como a bandeira

at/ B. clotho fluminense

Costa a d'abacaxi

sob cuja sombra se deviam arregimentar todos os bons amigos da causa da democracia.

Este direito lhes assistia não, como senadores do imperio, mas, como simples soldados do grande partido a que dizem pertencer.

Mas os srs. senadores, esquecendo-se destas santas e fundamentaes verdades da democracia, arrogando a si uma posição que não lhes competia, como o título de «Centro do Partido Liberal», título que repugna aos liberaes, porque elle quer dizer centralização, e a peior de todas, a das ideias; organisação, sem nada ouvir, a não ser as suas proprias inspirações e interesses, um programma, que contraria patentemente as vistas da democracia, que é mais favoravel ao rei do que ao povo, e querem impol o paiz, amparados com o prestigio de suas posições officiaes, e com o nome de chefes que a si mesmo deram.

E verdade que o programma diz: «O Centro Liberal oferece ao Partido Liberal este programma, pede para elle a adhesão e o concurso dos liberaes de todos os matizes»; mas quem não vê no fundo de tudo isto uma imposição, illudida com as palavras «pede» e «offerece», que entretanto desaparece ao contacto da terrivel expressão *Centro liberal*?

Entretanto, se os srs. senadores do Centro não quizessem dar-se ao trabalho, que nós, os radicaes, realizamos, o de vêr as ideias que se acham espalhadas pela historia do partido liberal, e constituiu-as em um programma, ainda lhes restava outro alvitre, e era, o de pedirem aos liberaes de todo o imperio e de todos os matizes que apresentassem francamente os seus programmas, pelos seus órgãos da imprensa; nestas condições, os srs. senadores podiam então vêr aquellas theses em que todos estivessem accordem, reunil-as em um programma, e pedir entao para elle a adhesão dos liberaes de todos os matizes; mas pedir, como simples cidadão, como soldados, e não imporem directa ou indirectamente, como fizeram.

Esse direito lhes competia, como compete a todo e qualquer liberal, e, se tivesse sido realizado, s. ex. ex. teriam sido bem olhados pela nação, teriam confecionado um programma de vistas mais eititas, e talvez conseguisse a união do partido.

Mas nada disto, que a boa razão, e os interesses do paiz aconselhavam, se fez, e deste modo, continua mais que nunca a divisão dos liberaes.

E no meio de tudo isto, são os srs. do Centro aquelles que se julgão no direito de dizer que nós estamos dividindo e enfraquecendo o partido, quando esta obra é a delles e desde muito tempo.

Quem se apartou do partido liberal historico? quem rompeu a bandeira dos liberaes de 1831? quem fez a liga e a conciliação? quem criou a situação progressista? De certo que não foram os radicaes; fostes-vós, srs. do Centro, é a vós pois que cabe o delito da divisão do partido liberal; o lugar de accusadores não vos cabe por tanto; deixai-o, porque elle nos pertence de direito, não só pelo passado, como pelo presente, por quanto vós ainda proseguiu na vossa obra de dividir e dilacerar o partido democratico.

Ha, no meio de tudo isto, uma consideração ainda a fazer-se; como é que algumas de vós, que hontem perseguiu de morte aos liberaes historicos, que no poder dizeis preferir os amigos de hontem (os conservadores), aos inimigos de hoje (os liberaes historicos), que fizestes deputados conservadores, combatendo directa e escandalosamente as eleições dos liberaes, vindes hoje dizer em face do paiz que sois os chefes do partido que precurastes aniquillar, lançando mão de todos os meios, para fazel-o desaparecer?

Srs. do Centro Liberal, o paiz vos observa; elle tem os olhos fitos sobre o vosso passado e o vosso presente, e ha de fazer o possivel para que o futuro não vos penteira, porque elle hade ser o premio dos esforços da democracia.

Ha em vosso seio alguns homens em quem a nação não deposita a menor fé; o seu modo de proceder tem lhes dado em recompensa a desconfiança de todos aquelles que tem crenças; entretanto, ha outros a respeito dos quaes ainda o povo não lavrou de todo a sua sentença. E' ainda tempo, rechui, e vindo abraçar-vos à unica bandeira que pôde salvar o paiz, vindo colocar-vos sobre o unico pedestal, em que a liberdade ainda vive, e onde vós podeis alcançar o amor e a consideração nacionaes, realizando as grandes ideias da democracia, que sós nos po-

derão salvar da ruina e da miseria, para as quaes nos arrasta o governo absoluto do sr. d. Pedro II.

#### Providencia, resignação, e tino

O sr. visconde de Itaborahy, o grande e o unico salvador desta patria de infelizes, no dizer dos srs. conservadores, aquelle que inaugurou esta situação, que se apresentou como o salvador desta patria que a passos precipitados caminhava para o abysso, ainda não declarou ás camaras, nem ao publico o que quer, nem o que pretende fazer relativamente aos negocios financeiros de sua patria.

Interpellado nas camaras a este respeito, s. ex. nada disse que podesse esclarecer a questão, não apontou uma medida prática, para salvar ou minorar o nosso triste estado economico. Permanecendo no mundo das generalidades, o presidente do conselho mostrou mais uma vez, que o epitheto que lhe dão de financeiro-microscopico, é uma justa qualificação, que não lhe poderá ser disputada conscientemente por pessoa alguma.

Pedindo-lhe no. senado o sr. Souza Franco que expozesse francamente qual o estado do tesouro, o illustre ministro da fazenda limitou-se a dizer o que a «Reforma» resume do seguinte modo:

« Nunca disse que tudo se devia esperar, após a terminação da guerra, da riqueza natural do paiz. Pelo contrario, reconheceo a gravidade das circunstancias, e reclamou medidas urgentes.

« E' certo, porém, que contestou na outra camara a proposição, alli enunciada, de ser desesperado o nosso estado financeiro. E contestou, por que confia na providencia, na resignação do povo e no tino dos poderes politicos. » E logo depois passou a tratar de outro assumpto.

Deste modo acredita talvez o sr. visconde de Itaborahy que satisfez ao seu dever, e que esclarecêo a questão.

Pede-se ao ministro da fazenda que manifeste clara e francamente o estado do tesouro, porque essa é a sua obrigação, porque o paiz tem necessidade de saber como vae a sua fortuna, o fructo de seu trabalho e de sua economia, e o sr. ministro nada diz, nada esclarece, nenhuma medida apresenta, limitando-se apenas ao terreno das generalidades, é a dizer que confia na providencia, na resignação do povo e no tino dos poderes.

Parece que o maior ignorante deste paiz, aquelle que desconhecesse até a arte de escrever e de ler, diria a mesma, ou mais alguma cousa, se fosse interpellado, como foi o illustre visconde, o primeiro financeiro deste imperio de mipes.

E o caso é que, em parte, o sr. presidente do conselho teve razão, por quanto, no descalabro em que vao as nossas instituições só a providencia nos pôde salvar; no desmantelamento das nossas finanças e no augmento de impostos, que todos os dias crescem consideravelmente, só a resignação do povo poderá fazer com que o governo continue a opprimi-lo e a empobrece-lo.

Mas é preciso observar que a providencia cessa, onde encontra o crime e a injustiça, e que a resignação desaparece, quando não é pedida em nome da virtude e do direito.

Deos, que nos observa; e o povo, que vê a miseria e a fome caminharem para elle de um modo aterrador, não podem querer a continuação deste estado de cousas, não podem nem providencia-lo, nem tão pouco resignar-se ante aquelles que são os seus verdugos, e que continuam firmes no aperfeiçoamento da grande obra de destruição, que incetaram, e que a todo custo querem fazer prosperar.

Mas o sr. visconde de Itaborahy também invocou o tino dos nossos poderes politicos. De que poderes, perguntaremos nós? Do moderador? mas esse é a causa de todo o mal, é o abysso que procura absorver tudo quanto ha de grande e de nobre neste triste paiz. Do legislativo? mas este tem uma camara unanime, filha do poder executivo, fiel serva do sr. d. Pedro II, e que nada pôde fazer senão dormir, em quanto o throno vela, e a nação marcha para a decadencia e a desmoralização.

Do poder executivo? basta; este não comprehende a sua missão; creature do monarca, não faz mais que vir de écho ás ordens de seu su. senhor, do seu irresponsavel soberano, daquelle que lhe deu a vida, que o fez sahir do nada, e que amanhã, por outro capricho, será capaz de lançá-lo de novo no esquecimento e na proscrição.

O tino dos poderes politicos! Se o sr. visconde não fosse um velho e uma creatura do sr. d. Pedro II, nós diríamos que s. ex. zombava necessariamente do senado e do paiz, quando proferio semelhantes palavras.

Se os srs. conservadores pretendem continuar no poder, fiados na providencia, não s'esqueçam de que esta não protege o vicio, se esperam pela resignação do povo, procurem tratá-lo como povo, e não como escravos; se têm confiança no tino dos poderes politicos, fujam de S. Christovão, e tratem de ser e de procurar homens politicos, não criaturas do imperador.

Mas, ainda uma observação; o sr. ministro da fazenda invoca a providencia, a resignação do povo e o tino dos poderes politicos, como os meios salvadores das nossas finanças, esquecendo sobre tudo o patriotismo, o trabalho e a iniciativa dos cidadãos brasileiros: é que para tão altc personagem o povo não representa senão a besta de carga, destinada a carregar resignadamente fardos.

O imperador assim pensa; o sr. visconde de Itaborahy é conservador; tem, pois, a virtude da coerencia; honra lhe seja feita!

#### Cousas da situação

O sr. conde d'Eu, em despacho telegráfico, comunicou ao commandante de nossas forças navaes no Paraguay o seguinte:

« A maior parte do armamento que o inimigo tem, foi por elle mandado apanhar no campo de batalha de Lomas Valentinas. »

E' sabido por todos que neste combate a victoria coube ao nosso exercito. Em um paiz onde os seus empregados cumprissem com os seus deveres, e, no caso contrario encontrassem a punição estabelecida na lei, isto queria dizer, que o armamento não só dos prisioneiros feitos nesse combate, como dos mortos e feridos ficariam em poder do vencedor; mas no Brasil as cousas regulam-se de outro modo, e encaminham-se por preceitos diversos. E é por este motivo que o sr. conde d'Eu teve occasião de participar ao commandante de nossa esquadra, o que acima transcrevemos do seu despacho.

Se uma extraordinaria multidão de factos não estivessem todos os dias a demonstrar de um modo incontestável a inopia do nosso governo e o desprezo em que elle tem a causa publica, bastaria este unico facto para fulminar-o; por quanto elle o não podia ignorar, e nestas condições era de sua rigorosa obrigação castigar o culpado, qualquer que fosse a sua posição, qualquer que fosse o seu titulo, ainda mesmo o de duque.

Mas não o governo soube do ocorrido, e tratou de escondel-o, não só para não desmentir o seu methodo governamental, como também, para conservar illesa a reputação do sr. duque de Caxias.

O sr. duque é um dos lugeiros do grande partido; não era possivel que a menor censura podesse pousar sobre a sua limpa e laureada fronte.

O sr. conde d'Eu, entretanto, talvez que inconscientemente, levantou de mais a ponta do véu, e revellou ao paiz mais um crime do general, que desertou á noite do exercito com o concurso de todas as circumstancias aggravantes, para vir á corte de s. m. receber uma teteia, dada pela imperatriz, e um pomposo titulo de duque, criado de proposito pelo nosso senhor d. Pedro II, como recompensa de tão illustre heróe, que tantos serviços havia prestado á patria nessa guerra, principalmente o de abandonar o exercito, quando este mais que nunca tinha necessidade de seu general.

E verdade que o governo de s. m. não dorme, e teve a prudencia de não publicar nem no seu *Diário Oficial*, nem no semi-official o trecho do despacho de que nos occupamos. Mas a cousa transpirou, e hoje o paiz conhece do facto, pede uma explicação a seu respeito, e uma punição para o seu responsável, em quanto o governo continua callado, e cada vez mais incensa o general deserter.

Vamos assim, que é bom andar; o paiz hade ter iambem o seu dia; então elle fará justiça por si mesmo, e ai daquelles que o tiverem opprimido.

#### COLLABORAÇÃO

##### O partido conservador

O partido conservador, que sucedeoo ao partido progressista a 16 de Julho, epocha memorável em nossa historia

politica, está já, podemos dizer, muito e muito estragado, nada tem feito e cremos mesmo que nada fará em beneficio do paiz. Os homens, de que elle se compõe em sua totalidade, fazem timbre em repelir todas as ideias que possão trazer resultados beneficos para o paiz, e quando em oposição sustentam ideias que no governo não aceitam. Assim chamaram roubo ao papel-moeda, que depois sendo ministros, emitiram em larga escala, ainda com a circunstancia de o fazerem sem previa autorisação do poder legislativo. Que coherencia digna de louvor!

O gabinete Itaborahy, que subio ao poder debaixo de tão bons auspicios, hasteando a bandeira da justica e moderação, foi o mesmo que mandou o sr. S. Lourenço, baralhamente desmoralizado, para flagellar os bahianos, e o sr. Itaúna para esta província, como se ella fosse um cadaver que tivesse de sofrer u na autopsia! Emfin tudo se fez e nada poupo-se para que o paiz presenciasse uma camara unanime, docil e servil, que pela primeira vez veio estabelecer um precedente horrivel, o de conceder orçamento para dois annos, sem tugir nem mugir, tendo o proprio sr. visconde de Itaborahy instado e provocado a discussão.

Oh! é de mais! Epara cumulo de nossa desgraça ainda dizem que essa camara é representante do paiz. Não o cremos.

Nós radicaes, já descrentes, nada queremos, só sim doutrinar o povo, fazel-o a conhecer seus direitos, pois não desejamos o poder senão quando pudermos realizar o nosso programma.

Pertence ao partido radical o futuro do paiz, para o qual trabalhamos incessantemente, embora os possimistas nos chamem de utopistas e anarchicos; porém todos esses epithetos que largamente nos prodigalizam em nada nos farão demover do nosso proposito.

Utopia tem sido tudo que se tem visto realizado em nosso paiz; utopia foi o caminho de ferro; utopia foi em sim, tem sido e será tudo quanto for útil ao paiz.

Deixemos que a força dos acontecimentos convênia a esse partido retrogrado, inimigo da civilisação, e das nossas ideias, altamente proclamadas pela *Opinião Liberal* na Corte, e nas províncias, por órgãos da mesma parcialidade. Nós hoje só appellamos para o tempo. Porém quanto estamos, como sentinelas observando o poder, que hoje mais que nunca se tem tornado fertil em desmandos e desvarios. Porém o povo, não dorme somno tão profundo, e quando despertar, comprehendendo que é em seu nome que ordenaes toda sorte de perseguições, tem necessariamente de reagir. Terrivel será por sem duvida essa reacção, que, com quanto tardia, todavia ainda poderá servir de paradeiro a futuras imprudencias.

#### TRANSCRIPÇÃO

##### A emancipação do elemento servil nas colônias inglezes

Sejamos justos ainda para com os nossos rivais e os nossos adversarios. Assocham por ahí que, abolindo a escravidão, a nação ingleza foi induzida unicamente por motivos de interesse, que o seu proposito fôra deprimir as colônias dos outros povos, e por este modo concentrar o monopólio da produçao do assucar em suas feitorias na India. Semelhante asserção não tolera exame. Nenhum homem sensato pôde imaginar que a Inglaterra, para daminificar as colônias de assucar dos mais povos, principiisse arruinando as suas, muitas das quais floresciam n'uma prosperidade extraordinaria. Seria o mais estulto machiavismo que se pôde conceber.

Na epocha em que foi decretada a abolição, produziam as colônias inglezes duzentos e vinte milhões de kilogrammos de assucar, isto é, cerca de quatro vezes mais do que produziam na mesma epocha as colônias francesas. Entre as colônias britânicas avultava a Jamaica, a terceira das Antilhas em beleza, fertilidade e tamanho, e, no continente, Demerari, cujo territorio era, porque assim digamos, ilimitado, e cujas riquezas e products medravam havia alguns annos com uma rapidez prodigiosa. E era a estas admiraveis possessões que a Inglaterra iria sacrificar para indirectamente destruir a produçao do assucar nos paizes que o cultivavam pelo trabalho servil, estabelecendo-a na India, onde pôde obtel-a por preço modico, sem recorrer á escravidão! Esta hypothese seria menos difícil de admittir se por um lado já fosse a India um paiz de larga produçao, e se por outro lado já se não houvesse cultivado o assucar em outras partes mais proveito-

poder, onde então governaremos este povo, e em seu nome, apesar dele para nada prestar, e nem ter significação alguma no governo do paiz.

Pobre povo, parece que todos se conspirão contra ti, e que teu unico recurso, é o de fugir, deixando aos teus inimigos o campo completamente livre para as suas devastações.

Se tu não prestas neste paiz, quem prestará nesse? se tu és o culpado, quem será o inocente?

O povo-brasileiro só tem dois grandes peccados: o de respeitar demasiadamente a autoridade e o de ter confiado em excesso nos falsos pregueiros da liberdade. Mas, quando elle conhacer, o que não tardará muito, que a autoridade o mata, em vez de protege-lo, e que os falsos pregueiros do liberalismo são os seus maiores e mais prejudiciais inimigos, elle ha de saber readquirir os seus direitos roubados, e a sua liberdade aniquilada.

Não tardará muito, estamos certos, a surgir no horizonte esse dia feliz, em que terá de entrar para o mappa das grandes nações, mais um povo livre e glorioso.

Deos, que não desampara as suas criaturas, e os brasileiros, que já vao conhescendo bem de perto a origem de seus males, nos dá o direito de assim pensar.

## COLLABORAÇÃO

### Liberdade de reunião

*As one of your great, political safety valves.*  
Considero a liberdade de reunido como uma das nossas grandes valvulas de segurança política.

DISRAELI

Incontestavelmente são felizes os povos que exercem o direito de reunir-se e se acham na plena posse dessa liberdade.

Os alemães, os americanos, os ingleses, os belgas, os holandeses, os italianos e os suíses gosam plenamente de tão injeval liberdade.

No Brasil é ella concedida pela legislação, mas não tem sido sem perigosos resultados, que, em Pernambuco, os sinceros democratas abriram o exemplo, reunindo-se publicamente para discutirem os negócios mais importantes do paiz; e seja dito de passagem, muito tem elles obtido, a despeito das violências committidas pelos agentes do governo em nome da ordem e das bem entendidas conveniências.

E não teria rasão o sr. Disraeli, exprimindo-se do modo porque fica reproduzido na epigrafe deste artigo?

Certamente. Respondemos com a opinião de um notável escriptor:

« O que é mister, dizia elle, pensar da França privada da liberdade de reunião? « E mister pensar o que se julgaria de um caminho de ferro sobre o qual as locomotivas applicadas a tracção não tivessem valvulas de segurança. »

« Quando, pois, em França (e tambem no Brasil, dizemos nós) os conductores da locomotiva governamental comprehenderão, que são elles os verdadeiros autores das explosões, que teem o nome de revoluções? »

Da liberdade de imprensa se pôde dizer que, mesmo nos paizes em que ella é mais inteira, é uma liberdade cujo uso é essencialmente o privilegio de um pequeno numero; porque é jornalista quem pôde; por sua natureza, a liberdade da imprensa será sempre uma liberdade restringida, aristocrática, excepcional, em quanto assim não é a liberdade de associação; liberdades para uso de todos, liberdades democráticas, liberdades essencialmente geraes, e sem as quaes é impossível algum grande progresso, alguma reforma profunda.

E o que diremos do Brasil, quando vemos particularizada, senão monopolizada, a imprensa, entre um pequeno círculo de favorecidos que sabem ler?

Os negócios mais triviais que movem a máquina governativa passam em segredo para a grande massa popular, que se considera a vítima do trabalho e de toda a sorte de sacrifícios, e que entretanto só d'elles depende a impulsão.

D'estarte a mentira oficial lavra impavida e isenta de responsabilidades como perigosa epidemia; e isto assim convém aos espertos políticos que desfrutam as boas graças d'aquelle que dirige os destinos da nação.

E certo que a imprensa oposicionista toma á si a tarefa de contradizel-a; porém o que sabe o povo de verdadeiro nesses debates, que se dão entre os privilegiados que sabem ler?

Nada, ou quasi nada!

D'issò resulta a indifferença com que o cidadão brasileiro encara os seus mais sagrados interesses; d'ahi vem a ignorância que o avulta; d'ahi a falta do conhecimento dos seus deveres e direitos, e a siquer das proprias leis que muitas vezes o faz creminhos!

E esse estado pôde acaso aproveitar a um paiz tão rico pela natureza, quão invejável por aquelles que o admiram?

Ninguem o dirá. Só o governo pessoal do Cesar imperial! Só elle, que é o autor privilegiado, sagrado, divino e irresponsável, desfruta tão bons efeitos.

Vimos na Inglaterra Ricardo Cobden e João Brigh vencerem Roberto Peel, em 1846, e impedirem, em 1848, pelo exercicio das liberdades de reunião e associação, que a revolução da França fosse romper em Londres, como rompeu na Alemanha, em Berlin e em Vienna.

Neste Estado do Brasil, porém, regido pelo poder absoluto-jesuítico de Tibério, a revolução assás temida e provocada pelos aulicos, é a da peleja da palavra e a da livre manifestação de crenças religiosas; é a do ensino livre e das reformas pacíficas, reclamadas pela maioria da nação.

E que, como judiciosamente declarou um escriptor de nota, essas liberdades comparain-se com a vacina; essas liberdades tem obrado sobre as revoluções como obrou a vacina relativamente à bexiga.

O Brasil moribundo como se acha deve, em política, comparar-se com a França de 1763, que, pelo seu Parlamento, pôz interdicta a inoculação, do que resultou os seguintes trechos de uma curiosa carta de Voltaire. (1)

Elle assim se expressava:

« Diz-se docemente na Europa chistá, que os ingleses são loucos e damnados: loucos, porque vacinam seus filhos para preserval-os da bexiga; damnados, porque comunicam de coração satisfeito a esses filhos uma enfermidade certa e cruel, nas vistas de prevenir um mal incerto.

« Os ingleses de seu lado dizem: Os outros europeos são fracos e desnaturalizados: fracos, porque temem fazer pequeno mal a seus filhos; desnaturalizados, por exemplo a morrer um dia de bexiga.

« .... A inoculação foi a principio combatida, em Londres; e muito tempo antes que o bispo de Worcester anunciasse do pulpito esse evangelho, um cura se tinha lembrado de pregar contra: elle disse que Job tinha sido inoculado pelo diabo. O prejuizo subio, pois, primeiro ao pulpito, e a fasão subio depois. E a marcha ordinaria do espirito humano. »

O mesmo escriptor, a que já acima nos referimos, concluia:

« Esta historia da bexiga combatida pela vacina é a historia da revolução combatida pela liberdade. A liberdade, por ventura, não começou por encontrar em Inglaterra as mesmas resistencias, e as mesmas desconfianças que encontram em França? (2) »

Desde que epocha o espirito revolucionario tem deixado de acender e entreter em Inglaterra a guerra civil?

Depois que foi substituido pelo principio de liberdade.

Quando o espirito revolucionario será completamente extinto em França?

Logo que o espirito de liberdade reinar no mesmo grao que reina do outro lado do estreito.

Si Voltaire existisse, o que diria com respeito aos caprichos do governo de S. Christovam em impedir que os medicos da vacina politica, inoculem-a ao povo por meio das reunões e associações, para evitarem os males da lepra, que dilacera as entranhas da patria?

Certamente diria, que:

Os alemães, os americanos, os belgas, os holandeses, os italianos, e os suíços, são, pelos politicos do imperial governo do sr. d. Pedro II, tambem considerados, como os ingleses na epocha da descoberta da vacina, loucos, damnados e até revolucionarios, como igualmente o são os democratas brasileiros: loucos, porque reunem-se em sessões públicas para discutir os interesses de sua patria e preservarem o povo do perigo a que está exposto pela má e despotica administracão; damnados e revolucionarios, porque fundaram essas escolas tão prejudiciais ás vidas do paternal governo de s. m. e pelas quaes o pobre povo deste abençoado torrão vêm a compreender os seus deveres e direitos, e ficam sabendo reprender os salteadores politicos que lhe tem

(1) MELANGES HISTORIQUES. *Lettres sur les Anglais et les Lettres philosophiques. Lettres XI sur l'insertion de la partie sociale.* 1727

(2) FRAGMENTS HISTORIQUES. 1688 e 1830. Citadelle de Ham, 10 mai 1841.

assaltado ás algibeiras, deixando exaustos os cofres publicos e exterminando a flor da mocidade brasileira nos paizes do Paraguay, e provocando-o á revoluções tumultuarias, para melhor poder coartar-lhe a liberdade.

DEMOPHIL.

## CHRONICA

### Dezeseis de Julho

E' hoje o primeiro anniversario do golpe de Estado que transformou o Brasil em *Polonia conquistada*, erigindo em governo regular a dictadura despotica.

O Czar ri e folga na nuvem do incenso que lhe queimam aos pés os archeiros felizes.

O povo espera em silencio. Seus olhos estão fitos no futuro...

**Morre o Neves!** — No discurso do *voto de graças* ao imperador, proferido no senado a 26 de Juho, o sr. Zacharias, chefe supremo do *Centro Liberal*, declara formalmente — que os liberaes não são radicais — e acompanha este seu protesto de considerações condicentes ao caso. Desmente ao mesmo tempo o desarrasado boato de que s. ex. pretendera orar nas conferencias radicais da corte.

A que veio o sr. Zacharias com esta velha novidade, é o que não podemos compreender.

Acaso o sacerdote magno do progressismo receia que o povo confunda radicais e liberaes?

Será uma explicação ao imperador, para que comprehenda bem o que é e o que vale o seu liberalismo?

Pois não bastou o programa do *Centro*?

**Ainda complicações!** — Refere o *Anglo-Brasilian Times*, n. 13, de 8 do corrente:

« Ha algum tempo a esta parte, reclamou perante as autoridades brasileiras o ministro britanico, Mr. Buckley-Matthew, contra a prisão illegal em que se achavam alguns subditos ingleses na colónia *Principes d. Pedro*. Como a colónia esteja sob a jurisdição de s. ex. o ministro da agricultura, foi o protesto comunicado ao sr. cons. Antão, para seu governo, mas até ao presente o ministro tem conservado esse desdenhoso silencio a que tão habituada já está a legação brasileira em Londres. »

Decididamente não ha inépicio que não pratiquem os agentes da dictadura imperial.

Uma restea de bom senso é suficiente para comprehender até onde podem estender-se estas questões internacionaes, procrastinadas indefinidamente. Os ministros do sr. d. Pedro II bem sabem que os ingleses domiciliados no Brasil tem por si um gigante que não dorme e que pôde tudo: o grande governo do seu paiz.

As prisões arbitrárias, bem como todos essas violências paternas dos nossos tutores, devem ser reservadas para nós, brasileiros, porque assim o queremos pela nossa estupenda submissão.

**A America do Sul** — Sahuia a lume na capital do imperio mais uma folha politica que dignamente corresponde ao nobre titulo com que se apresenta.

Animado e eloquente na linguagem, o novo periodico sobresahe, entretanto, principalmente pela severidade com que reprova a indole fatal da dictadura brabantina, e pela audacia com que adopta o symbolo na nossa regeneração — o credo radical.

Lamentando o malogro constante das aspirações liberaes d'este povo, exprime-se o illustre collega nos termos seguintes:

« São essas aspirações que determinam talvez a organisação do partido radical, ainda em incubação, e parecendo responder aos justos reclamos da democracia pacifica e racional. »

Esta é que é a verdade no meio de todos os sophismas da nossa politica.

Lidador que assim se arroja de viseira erguida e aspecto desassombrado, nunca mentira á sua causa.

Congratulemo-nos, pois, com os nossos concidadãos, pelas risonhas esperanças que nos oferece o esforçado athleta que vem engrossar as brilhantes fileiras do radicalismo.

**Bibliographia** — Fomos obsequiados com um exemplar da obra que acaba de publicar o nosso distinto patrício o sr. Homem de Mello sobre o general José Joaquim de Andrade Neves.

Esse notável brasileiro, tão nomeado já pela sua applicação ao cultivo dos estudos historicos, pelos seus estimaveis trabalhos sobre as primeiras epochas da nossa politica, pelos seus curiosos ensaios sobre a vida de grandes vultos d'este paiz, acaba de grangear mais um titulo duradouro para a sua alta reputação litteraria.

O assumpto honra o espirito que o escolheu, e engrandece a pena que o soube retratar com tamanha fidelidade.

No fundo d'esse quadro extraordinario de assombrosas pelejas, desenhado em cores tenues, mas sombrias, expressivas e reaes, assoma o titão rio-grandense altivo, cavalheiresco e indomito, alma de bronze vasada á antiga para luctas homéricas. Até o incompleto dos traços, a ligeireza da narrativa como que descrevem melhor as feições grandiosas d'aquelle character singular.

Quem recordar essa luctuosa revolução de 1835, a porfiada campanha de 1831, a prodigiosa guerra que nos acabrunha desde 1846, que devorou o Paraguay; que ameaça ao Brasil com um cataclisma estrondoso, quem ponderar ainda como em todos esses episódios Andrade Neves se deu a conhecer heroe; quem notar em sua tenacidade, a intrepidez, a abnegação com que o soldado obscuro conquistou as dragões de chefe, com essa desanimadora lentidão que só as almas predestinadas sabem aturar tranquilamente; quem assim reflectir não poderá deixar de curvar-se perante a magestade do merecimento grande, modesto e desinteressado.

O Omnipotente cerrou-lhe os olhos num meio dia de glorias.

Andrade Neves morreu quando devia morrer. Era mister que a morte não lhe viesse pelo coração, de vêr a obra do seu esforço, a obra do sacrificio de seus irmãos, convertida em degrau para o absolutismo de um governo infrene.

A Providencia é sempre justa: venerem-a.

**Illustração Academica** — Recebemos o 1.º numero de um jornal critico e pittresco, com esse titulo, dirigido por academicos da faculdade do Recife.

A sua redacção agradecemos a fineza com que nos honrou.

**Mais uma conquista** — Domingo, 18 do corrente, fallara nas conferencias publicas radicais da corte o sr. cons. Joaquim Saldanha Marinho.

Já não são unicamente espiritos desvairados, imaginações febris, cabeças inexperientes, que pugnam pelos nossos principios.

E' uma intelligencia prática, um estadista consummado, um homem exercitado nas lides do parlamento e da imprensa, da politica e da administração, que vem juntar os seus poderosos esforços aos dos jovens escriptores radicais.

Que amargo desengano para os truões, que não se canjam de mimosear-nos com os seus apodos!

## ANNUNCIOS

### Vigor do Cabello, DO DR. SYER,

Para renovação do Cabello.

O Grande Emprenho da Época!

**O Vigor do Cabello** é uma preparação no mesmo tempo agradável, saudável e eficaz, para conservar o cabelo. O cabelo cresce ou não depende a sua primitiva cor e o brilho e o vício do cabelo dos moços; o cabelo ralo, torna-se denso, o que cesa, preserva-se e as calvas muitas vezes bem surpreendem, com o seu uso. Quando as folhas estão estériles ou as glandes atrofias, não ha que possa reformar o cabelo senão uma applicação como o *Vigor do Cabello*, a qual, exempta de substancias deleterias que tornam algumas preparações perigosas e injuriosas ao cabelo, e muito dissimilante a essas pastas e sedimentos que tanto condorem para sua queda, conserva-o limpo e forte e more-o sempre, sem poder damnificá-lo. Dest'arte o *Vigor do Cabello* é mais desejável dos ornamentos do

**TOCADOR.**

Ele não contém oleo, nem pintura, não é capaz de manchar nem o mais alvo lenço de cambray; perdura no cabelo, dá-lhe brilhante lustre e espalha-lhe agradável perfume.

Depositorio geral no Brasil

**H. M. LANE, 15, rua Direita.**

UNICO AGENTE.

ALUGA-SE um bonito sobrado para familia, rua da Imperatriz n. 20.

## Salsaparrilha de Ayer

PARA PURIFICAR O SANGUE.

O nome de que goza este excelente remedio é devido a milhares de cures que tem operado, muitas das quais são verdadeiramente maravilhosas. Innumerous são os casos em que o systema, parecendo saturado da podridão de enfermidades escrofulosas, tem sido promptamente restituído à saúde. As affectiones e desordens, agravadas pela contaminação escrofulosa, até produzem dores mortificantes, têm sido tam radical e tam geralmente curadas por elle, em todos os pontos do Imperio, que o publico mal precisa de ser informado das suas virtudes e do modo de usá-lo.

O veneno escrofuloso é um dos mais destruidores inimigos da raza humana. Ora, senhoras-se oculta e traiçoeiramente no nosso organismo e deixa-o fraco e inerte contra molestas fatais. Ora, patenta a infecção de que corrompe o corpo e então, em momento opportuno, lava rapidamente sob alguma de suas hediondas formas, já nas cutis já nos organos vitais. Neste ultimo caso deposita, muitas vezes, tuberculos nos pulmões, no fígado, no coração, etc., quando não manifesta em erupções, tumores, etc.

A inimigo tam perigoso e tam perfido nunca se deve dar guarda, e prevenir-o é sempre melhor do que combatê-lo. Assim, antes de apparcerem os proprios *syphomous actos*, o uso da Salsaparrilha de Ayer poderá evitar resultados funestos.

As pessoas que sofrem de Erysipela, Fogo de S. Antonio, Dardos, Empigues, Rheumatismo, Tumores, Ulceras e sensibilidade dolorosa nos ouvidos, olhos, &c.; dor nos ossos; Dyspepsia ou Indigestões; Hydropsia, molestias do coração e do fígado, Epilepsia, Neuralgia e de varias outras affectiones do systema muscular e nervoso, acharão seguro alívio usando desta Salsaparrilha de Ayer.

A Syphilia ou Molestias Venéreas são curadas com o seu uso, posto que seja necessário mais dilatado espaço de tempo para subjugar tantas imponentes enfermidades.

A Lencorréa, ou flora brancas, as ulceracões uterinas e em geral as molestias das mulheres são também silvidas e ultimamente curadas por seu effeito purificador e vigorativo.

O Rheumatismo e a Gotta, quando causados por acumulações de matérias extrínsecas no sangue, cedem-lhe facilmente, e de mesmo modo o Mal de Fígado, congestão ou Inflammation do fígado, Ictericia, quando são oriundas de massas residuos no sangue.

A Salsaparrilha é um excelente restaurador da força e vigor do systema.

Assim, todos os que sofrerem Langor, Phlegma, Desmaios, Insomnia e que são incomodados com Apprehensões e Temores nervosos ou qualquer outra affection proveniente de Debilidade, acharão do seu poder renovador o mais seguro expediente de prompta cura.

**H. M. Lane, Agente Geral para o Imperio,**  
15, — Rua Direita, — 15,  
vende-se nas principais drogarias e farmacias em toda parte.

DEPOSITO EM S. PAULO

no n.º 46

## A única loja dos Tropeiros

Rua do Commercio esquina do beco da Cadêa

O abajo assignado ao respeitável publico e a seus numerosos freguezes previne, que tendo recebido em direitura um variado e completo sortimento de fazendas e miudezas, por isso venderá 10 por cento menos que em outra qualquer parte, pelo que espera a protecção dos mesmos.

Outro sim na mesma casa se compra qualquer porção de café bom, e algodão em rama.

Recebe generos á comissão de qualquer parte do interior, de S Paulo, e de Santos; e os fará seguir seu destino com esmero e promptidão possível.

Julio Lyon.  
Jundiahy, 8 de Maio de 1869.  
20—20



## Musicas

Ha sempre um grande sortimento de musicas brasileiras e estrangeiras, na casa de M. me A. FRETIN

50-Imperatriz-50 30—17

## 35-Rua da Imperatriz-35

EM CASA DE PEDRO BOURGADE  
Vende-se cavaoua de panno piloto a 21.  
côrtes de calça e collete de casimira piloto a 16.  
chama-se isto queimar a roupa, por isso os freguezes aproveitem. 10—10

## Piano

Compra-se um piano de armario com sete oitavas. Rua do Rosario n.º 7. 3—3

# Aviso ! Aviso ! Aviso !

## Roupa feita e officina de alfaiataria

### AO GALLO

### 11—Rua do Rosario—11

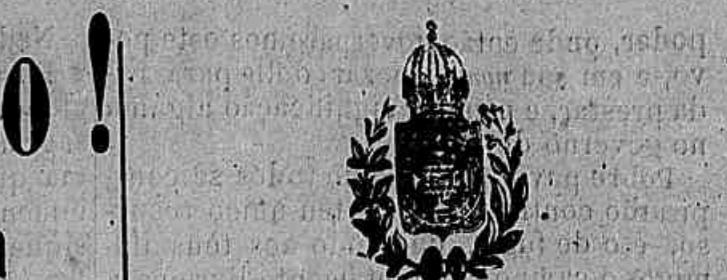


Afina-se a perfeição em casacas.

- a » sobrecasaca.
- b » paletot de todo e qualquer feitio.
- c » calças.
- d » colletes.

Grande variedade de pannos, casimiras, merinos, brins, etc., etc.

11—RUA DA IMPERATRIZ, ANTIGA RUA DO ROSARIO—11



DR. HORACIO TOWER FOGG  
Cirurgião dentista

SS. MM. E AA. II.

Tem um grande sortimento dos melhores dentes artificiais, os quais coloca pelos systemas seguintes:

Dentaduras inteiras ou parciais pela pressão do ar, com *gingivias continuas* (smalla de porcelana sobre chapa de platina).

Dentaduras inteiras ou parciais pela pressão do ar, com *gingivias continuas* sobre chapa de ouro ou vulcanito.

Dentaduras inteiras ou parciais pela pressão do ar, com chapa de ouro e vulcanito combinado, *systema particular*.

Dentaduras parciais com chapa de ouro e de molas.

Dentaduras parciais com chapas de vulcanito e de molas.

Dentaduras parciais com chapas de ouro elástico, sem molas.

Dentaduras parciais com chapa de vulcanito elástico sem molas.

Dentaduras parciais com chapa de ouro ou de vulcanito sem ser elástico e sem molas.

Dentes a picot ou espiçado.

Chumbamento de dentes com ouro ou qualquer outro material proprio para a conservação dos dentes.

Extracção de dentes e raízes.

Atenção particular à segunda dentição.

Todos os trabalhos da primeira classe e garantidos.

Pode ser procurado no seu gabinete todos os dias com exceção dos domingos.

Rua da Imperatriz n.º 3, antiga  
rua do Rosario

Elixir Odontalgie Vegetal, para curar as dôres de dentes as mais agudas, instantaneamente. Vidro 2.  
Rua Direita n.º 46. 10—5

## Theatro de S. José

Domingo 18 de Julho  
ULTIMO ESPECTACULO DA  
Imperial Companhia Japonesa.  
Sob a Direcção da  
ASSOCIAÇÃO DRAMATICA PAULISTANA

### STRU-KEE-CHEE

1<sup>ª</sup> PARTE  
A Barca Voadora.  
O Perche Volante.  
O Caixão Double.  
2<sup>ª</sup> PARTE  
Dança na corda sem maromba.  
A Corda em Cruz.  
A Impanada.  
3<sup>ª</sup> PARTE  
O Vaso Asiatico.  
Magica pelo Palhaço.  
Terminando o espectaculo com o muito arriscado trabalho da

**Grade monstro !**  
O artista Stru-Kee-Chee sendo este o seu primeiro beneficio durante a sua vida de artista e realizado no Brasil, espera poder gravar em sua memória, mais esta demonstração de affeção que os paulistas sabem conceder aos artistas que recorrem á sua protecção. Os bilhetes podem ser procurados desde já no hotel de Italia, residência do beneficiado:

ASSOCIAÇÃO DRAMATICA PAULISTANA  
1<sup>ª</sup> REPRESENTAÇÃO

Quarta-feira 21 de Julho de 1869  
Representar-se-ha pela primeira vez neste theatro o muito apparato drama em 3 actos e 4 quadros:

### O CAMINHO DAS GÁLÉS

Personagens.  
Augusto Marville . . . . . Augusto Filho  
Roberto de Arcuit . . . . . Paulo Peti  
João Pedro Grivet . . . . . Domingos Pereira  
Germont . . . . . Ferreira d'Albuquerque  
Comissário de polícia . . . . . Corrêa Vasques  
Um Lacaio . . . . . Augusto Montani  
A Senhora de Saint-Ange . . . . . D. Bárbara Montani  
Justina . . . . . D. Hortência Vasques  
Julia . . . . . D. Rita Leal  
Convocados, Jogadores, Soldados, etc. etc.

DENOMINAÇÃO DOS ACTOS  
1<sup>º</sup> Herança  
2<sup>º</sup> O caminho das Gá�es  
3<sup>º</sup> O Pacto de rouba.  
4<sup>º</sup> Crime e perdião

Actualidade  
Terminará o spectaculo com a muito espirituosa comedia em um acto, ornada de musicas:

UMA MULHER QUE SE EMBRIAGA  
Tomam parte os senhores, Corrêa Vasques, Albuquerque, Domingos e D. Hortência.

Orçistas da extinta companhia dramatica de que era empresaria a sra. D. Eugenia Infante da Camara, resolvem estabelecer entre si uma Associação empresarial, contratando e mandando contratar tantos artistas quantos bastem para preencher o quadro da companhia que deve continuar a funcionar no theatro desta capital, esperando que o respeitável publico dispensando-lhe seu generoso apoio, coadjuve os artistas empresarios, afim de que bem possam satisfazer os bons desejos de que se acham possuidos.

Princiará ás horas do costume.

## Café Imperial Billhares

Rua Direita n.º 2

Continua este estab-lecimento aberto a con-

currência dos amadores,

2 — RUA DIREITA — 2

## Arrematação de casas

De ordem do sr. dr. juiz de orphões, faço publico que ficou transferida para o dia 21 do corrente (quarta-feira) ao meio dia, a praça para arrematação das 4 moradas de casas pertencentes á herança do falecido Carlos Frederico Schaefer; praça que terá lugar nas mesmas casas, em a ladeira de Santa Ephigenia.

S. Paulo 16 de Julho de 1869.

O escrivão, — Januario Moreira. 3—3

VENDE-SE—Uma grande porção de cacos de tijolos, cerca de 200 carros, proprios para concertos de ruas, os quais, depois de quebrados, dão nesse serviço, melhor resultado, que o melhor pedregulho. Para ver e tratar na chácara do Pacembú de Cima. 10—9

VENDE-SE—Uma excelente litaia, nova e ainda não ocupada, feita de modo á prestar-se á viagem. Para ver e tratar com o sr. Cândido Martina da Cunha, no largo da Memória n.º 24. 10—9

Atenção

Na rua de S. Bento n.º 26, precisa-se alu-

gar um preto para serviço de refinação de

assucar. 3—2

Atenção

Na rua de S. Bento n.º 26, precisa-se alu-

gar um preto para serviço de refinação de

assucar. 3—2

Atenção

Na rua de S. Bento n.º 26, precisa-se alu-

gar um preto para serviço de refinação de

assucar. 3—2

Atenção

Na rua de S. Bento n.º 26, precisa-se alu-

gar um preto para serviço de refinação de

assucar. 3—2

Atenção

Na rua de S. Bento n.º 26, precisa-se alu-

gar um preto para serviço de refinação de

assucar. 3—2

Atenção

Na rua de S. Bento n.º 26, precisa-se alu-

gar um preto para serviço de refinação de

assucar. 3—2

Atenção

Na rua de S. Bento n.º 26, precisa-se alu-

gar um preto para serviço de refinação de

assucar. 3—2

Atenção

Na rua de S. Bento n.º 26, precisa-se alu-

gar um preto para serviço de refinação de

assucar. 3—2

Atenção

Na rua de S. Bento n.º 26, precisa-se alu-

gar um preto para serviço de refinação de

assucar. 3—2

Atenção

Na rua de S. Bento n.º 26, precisa-se alu-

gar um preto para serviço de refinação de

assucar. 3—2

Atenção

Na rua de S. Bento n.º 26, precisa-se alu-

gar um preto para serviço de refinação de

assucar. 3—2

Atenção

Na rua de S. Bento n.º 26, precisa-se alu-